

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Gabriela Sales da Rocha

**MODELAGEM EM ARGILA: ESTRATÉGIAS DE ENSINO
ATRAVÉS DAS CRIAÇÕES HÍBRIDAS DE FRANCISCO
BRENNAND**

Brasília

2013

Gabriela Sales da Rocha

**MODELAGEM EM ARGILA: ESTRATÉGIAS DE ENSINO
ATRAVÉS DAS CRIAÇÕES HÍBRIDAS DE FRANCISCO
BRENNAND**

Monografia apresentada à Comissão Examinadora do Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília como requisito a obtenção de título de Licenciada em Artes Plásticas.

Orientadora: Prof^a. Dr. Lisa Minari Hargreaves

Brasília

2013

Comissão Examinadora:

Professora Prof^a. Dr. Lisa Minari Hargreaves (Orientadora)

Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília

Professora Prof^a. Me. Rosana Andréa Costa de Castro

Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília

Professor Prof. Me. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília

Brasília

2013

MEMORIAL

Muitas vezes a linha de pesquisa de um(a) graduando(a) em um curso de licenciatura se deve a fatores como gosto pessoal e também as experiências vivenciadas ao longo de seu curso. Para desenvolver este estudo escolhi trabalhar com as práticas em modelagem em argila. A escolha do material se deve ao meu interesse e contato anterior como aluna do curso de Iniciação à Cerâmica – Modelagem em Argila, oferecido gratuitamente à comunidade no Museu Vivo da Memória Candanga¹ (Núcleo Bandeirante-DF), passando a ser frequentadora do espaço para projetos pessoais. Paralelo à formação extracurricular veio a experiência de 20 horas em sala de aula exigidas na disciplina Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 03, ministrado no Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília, que me proporcionou material para fundamentar minha análise.

Deve-se considerar o principal episódio que desencadeou as Oficinas de Artes Visuais promovidas no Centro Educacional Asa Norte (CEAN). A greve dos professores federais iniciada no dia 21 de maio de 2012, que paralisou a Universidade de Brasília por 82 dias e modificou seu calendário acadêmico, afetou diretamente as práticas em estágio exigidas nos cursos de licenciatura². A princípio os estudantes ficariam prejudicados, uma vez que o novo calendário acadêmico não coincidiu com o calendário das instituições de ensino fundamental e médio, inviabilizando as práticas de estágio. Como alternativa foi sugerido aos estudantes da turma de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3 a criação de oficinas de Artes Visuais voltadas para a comunidade, proporcionando as experiências e práticas exigidas para a formação em licenciatura. Sendo assim, em parceria com o CEAN e orientados pela Profa. MSc. Rosana de Castro, foram criadas cinco oficinas entre elas a *Oficina de Iniciação à Modelagem em Argila através de Elementos Híbridos de Francisco Brennand* por mim ministrada.

¹ Também conhecido como o espaço que abrigou o antigo hospital HJKO, o Museu Vivo da Memória Candanga localiza-se na Via EPIA Sul, SPMS, Lote D, Núcleo Bandeirante – DF.

² Fonte: UnB Agência, 30/08/2012

RESUMO

O presente estudo é o resultado da realização da oficina “Iniciação à Modelagem em Argila através de Elementos Híbridos de Francisco Brennand” ministrada pela autora como pré-requisito avaliativo da disciplina Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3, ofertada pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília à comunidade, com o objetivo de observar e analisar através da metodologia expositiva dialógica os desafios da criação híbrida³ e coletiva em modelagem em argila. Para tal fim, foi pesquisado o hibridismo presente na obra do artista pernambucano Francisco Brennand, adotando sua criação como fio condutor das práticas pedagógicas adotadas em sala de aula, cujo principal objetivo era o de levar aos participantes a experiência da criação coletiva, da convivência em grupo e, conseqüentemente, do desapego ao trabalho autoral. Para tanto, o material escolhido para dar vazão à proposta pedagógica foi a argila, devido a facilidade de acesso ao material e as possibilidades artísticas geradas a partir do uso escultórico da argila e de seu alto grau de plasticidade. O método utilizado foi o de observação dos participantes durante a realização das oficinas. A dúvida que deu origem a esse estudo foi: É possível se introjetar numa prática que é iminentemente pessoal e muitas vezes solitária, como a escultórica, o ato de criação coletiva, partindo da poética de um dos maiores escultores brasileiros: Francisco Brennand? A conclusão a que se chega com esse trabalho é que, em resposta a questão problema o objetivo foi alcançado parcialmente, visto que a Oficina obteve sucesso no que diz respeito a promover a socialização e a interação dos participantes, assim como a introdução das principais técnicas em modelagem em argila. No entanto, quanto ao quesito da criação de uma obra coletiva em lugar do trabalho autoral, isso não foi possível em virtude a alguns fatores que serão relatados em seguida. No que diz respeito a compreensão do conceito de hibridismo cultural presente na obra de Francisco Brennand o que se observa é que os participantes compreenderam esse conceito e o aplicaram na confecção de suas peças, alguns chegando a uma tentativa de cópia de

³ O termo “Criações Híbridas” refere-se à proposta de união de objetos artísticos diversos em que procedimentos e linguagens se misturam trazendo uma nova proposta de trabalho. No caso deste TCC adota-se como criações híbridas a união de trabalhos em modelagem em argila realizados por autores distintos na construção de uma única e coletiva.

uma das obras de Brennand. Por fim, conclui-se que a oficina de modelagem em argila serviu como um excelente laboratório para se compreender a dinâmica de uma prática pedagógica que envolve o processo de ensinar, mas também de aprender, fato que todo educador deve estar atento e aberto a entender.

Palavra-chave: Hibridismo cultural; Francisco Brennand; Modelagem em Argila; Criação Coletiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura (1):	Vênus de Willendorf.....	p. 14
Figura (2):	Tabuas de argila com escrita cuneiforme.....	p. 15
Figura (3):	Argila tratada.....	p. 18
Figura (4):	Joan Griss – Guitarra diante do mar.....	p. 22
Figura (5):	Roda de bicicleta – Marcel Duchamp	p. 23
Figura (6):	Arthur Bispo do Rosário vestindo uma de suas criações.....	p. 23
Figura (7):	Francisco Brennand.....	p. 25
Figura (8):	O Olho de Deus.....	p. 27
Figura (9):	Obras diversas de Francisco Brennand.....	p. 28
Figura (10):	Alunos confeccionando as ferramentas de trabalho.....	p. 33
Figura (11):	Ferramentas utilizadas na Oficina.....	p. 34
Figura (12):	Alunos no primeiro dia confeccionando ferramentas.....	p. 35
Figura (13):	segundo dia – ensino de técnicas de modelagem em argila.....	p. 35
Figura (14):	terceiro dia – apresentação da obra de Francisco Brennand.....	p. 36
Figura (15):	Quarto dia – construção individual e fragmentação dos trabalhos.....	p. 37
Figura (16):	Quinto dia – acabamento das peças.....	p. 38
Figura (17):	Sexto dia – visitação ao Museu vivo da Memória Candanga.....	p. 39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. UM PANORAMA DA ARTE ESCULTÓRICA NO MUNDO	13
1.1. Aplicações da Argila	15
1.2. O uso da argila na arte	155
1.3. Vantagens e desvantagens do uso da argila	158
2. O HIBRIDISMO NA ARTE	21
2.1. A Arte Metamórfica de Francisco Brennand	24
2.2. As Criações Híbridas de Francisco Brennand	26
3. MATERIAIS E MÉTODOS	28
3.1. Memorial descritivo do experimento	28
3.2. A motivação para o uso da argila	30
3.3. Objetivos	31
3.4. Procedimentos.....	31
3.5. Participantes	33
3.6. Local	33
3.7. Materiais Utilizados	34
3.8. Práticas nas oficinas.....	34
3.9. A participação do Educador na oficina	39
3.10. Dificuldades encontradas.....	40
3.11. Recomendações.....	40
CONCLUSÕES	41
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

A arte é uma das manifestações mais transformadoras que existe na sociedade. Por meio dela, o homem pode tomar ciência de seu papel social e de sua importância planetária. Neste contexto, considero que a arte se distingue entre as práticas que melhor adaptam o homem para viver em sociedade transformando-a na medida de suas convicções.

A escultura é uma das formas de arte mais antigas de que se tem notícia. Estudos arqueológicos datam manifestações escultóricas que remontam à Idade Antiga. Seja para representar suas crenças, seus rituais, suas ideias, a escultura tem sido usada pela sociedade humana desde que essa se tornou gregária. Nos milhares de séculos que se passam entre os dias atuais e a Idade Antiga, milhões de escultores mundo afora marcaram o registro de suas existências em pedras, argila, bronze, concreto, ferro, cobre, ouro, prata e outros materiais. Muitos desses registros sobreviveram ao tempo e chegaram aos dias atuais como um relato histórico de sociedades que, sequer, existem mais.

A argila, embora seja um material relativamente frágil, auxiliou o homem a contar sua história. A escrita cuneiforme criou uma ponte que conecta a sociedade contemporânea aos antigos sumérios que viveram a 5000 a.C. Hoje, grande parte do que se conhece a respeito desse povo se dá em virtude dos relatos deixados em argila.

A argila, por ser um material fácil de moldar, encontrado em praticamente todo o planeta e cujos custos são baixos, quando comparado a outros tipos de materiais, constitui-se em uma das primeiras modalidades escultóricas a que grande parte dos artistas tem acesso.

No Brasil, a argila tem sido usada como elemento para construção de uma ampla gama de técnicas escultóricas. Mesmo antes da chegada dos colonizadores europeus, a argila já se fazia presente entre os indígenas locais, que a usavam para confeccionar peças ritualísticas e utensílios domésticos de uso diário.

Um dos artistas vivos mais profícuos da arte brasileira é o escultor Francisco de Paula de Almeida Brennand, que tem na argila um de seus

materiais mais elementares. Em seu ateliê-empresa, no Antigo Engenho São João, Recife, Francisco Brennand produz peças únicas que já foram adquiridas por colecionadores diversos e fazem parte de vários museus mundo afora. A arte de Brennand é fortemente influenciada por seu estilo experimentalista e pelo legado de grandes pintores e escultores que marcaram sua formação como artista.

Em face do exposto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou pesquisar o hibridismo presente na obra de Francisco Brennand, como fio condutor de uma prática pedagógica em sala de aula, que se propôs a criar oficinas de Artes Visuais voltadas para a comunidade, cujo principal objetivo era o de levar os participantes a consciência da coletividade, da convivência em sociedade, do desapego ao trabalho autoral.

O problema que deu origem a esse estudo foi: é possível se introjetar numa prática que é iminentemente solitária, como a escultórica, o ato de criação coletiva, partindo da obra de um dos maiores escultores brasileiros: Francisco Brennand?

Esta proposta foi fomentada durante o Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3, em parceria com o Centro Educacional Asa Norte (CEAN), no qual foram criadas cinco oficinas de modelagem em argila.

A proposta não encontra na prática da modelagem em argila uma nostalgia ou resgate dos objetos artísticos feitos manualmente. O foco de interesse não foi projetado somente no conteúdo a ser ensinado (a Técnica da Modelagem em Argila), mas também na proposta metodológica (Expositiva dialógica) colocada em prática.

Para levar a termo as atividades da oficina, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Pesquisar os elementos que compõem a obra de Francisco Brennand;
- ✓ Identificar os aspectos relacionados à criação individual e coletiva
- ✓ Produzir um experimento pedagógico, (Oficina de escultura em argila) cuja proposta é usar a obra de Francisco Brennand como fio condutor para ensinar aspectos gerais da dinâmica em sociedade, como participação coletiva e desapego ao trabalho autoral.

A metodologia usada na pesquisa deste estudo foi, em primeiro plano, uma pesquisa de cunho bibliográfico, que serviu de base para uma pesquisa de campo, de cunho descritivo e com abordagem qualitativa.

A justificativa para escolha do tema deu-se, em função da percepção de que práticas desenvolvidas em disciplinas como Estágio Supervisionado em Artes Plásticas, funcionam como um laboratório proveitoso, tanto para os educandos quanto para os educadores, no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao pleno exercício da atividade docente.

Tais práticas devem ser realizadas sempre com a intenção de acrescentar algo a experiência do ensino das artes e, nesse contexto, lidar como o público exógeno ao ambiente escolar proporcionou à autora deste Trabalho de Conclusão de Curso a oportunidade de observar, na prática, a forma como o público recebe a arte e a reinventa. Inserir a arte na dinâmica da vida em comunidade pode ser de grande importância para a formação cultural de uma sociedade quem sabe mais harmoniosa e, conseqüentemente auxilia em seu desenvolvimento.

No âmbito acadêmico, espera-se que este Trabalho de Conclusão de Curso sirva de ponto de partida para novas experimentações que beneficiem o desenvolvimento das habilidades correlatas a atividade docente, facilitando o entrosamento do estudante de artes visuais com seu público alvo: os educandos e, também a comunidade a que faz parte. Não se buscou aqui, esgotar o assunto acerca do potencial das artes visuais em gerar benefícios socioculturais para a sociedade, mas buscou-se, tão somente partir do experimento em questão para demonstrar que, mesmo a escultura, sendo uma atividade iminentemente solitária pode ser trabalhada em grupo.

1. UM PANORAMA DA ARTE ESCULTÓRICA NO MUNDO

A arte é uma das manifestações humanas que mais tem o poder de transformação social. Na concepção de Freire (2006), a arte, seja ela de que tipo for tem como principal função conectar a essência humana com a criatividade que é inerente a todos da espécie.

A estruturação da sociedade desde os tempos antigos tem polarizado cada vez mais as habilidades dos indivíduos fazendo optar por competências que, aos poucos tem deixado de lado a apreciação estética e funcional da arte. No entanto, como explica Freire (2006), arte faz parte da sociedade humana desde que essa se tornou gregária, ainda na Antiguidade. A arte rupestre deixada pelo homem antigo, serve-nos até hoje, como o relato vivo de uma época e, nesse contexto, a arte tem o papel de documentar a evolução da sociedade, servindo como um documento histórico.

Segundo Arnold (2008), dentre as várias manifestações artísticas existentes, a escultura sempre foi utilizada pelos seres humanos para representar suas concepções do mundo, de uma maneira tridimensional. Referente à definição de escultura faz-se uso do conceito Gotthold Lessing, que embora tenha escrito seu tratado estético no século XVIII⁴, torna possível aplicar suas ideias à discussão da natureza escultórica nos trabalhos dos dias atuais.

Ele procura estabelecer normas, ou critérios objetivos, que permitam definir o que é natural a um empreendimento artístico determinado e compreender quais seus poderes especiais de criar significado. Assim, em resposta à pergunta “o que é a escultura”, Lessing declara que a escultura é uma arte relacionada com a disposição de objetos no espaço. E, prossegue, é preciso distinguir entre esse caráter espacial definidor e a essência das formas artísticas, como a poesia, cujo o veículo é o tempo. (KRAUSS, 2001, p.03)

As diferentes sociedades, ao longo de séculos de História da Arte, sempre procuraram adaptar suas percepções do mundo com base nos materiais existentes em cada comunidade ou em sua proximidade.

Assim, em lugares onde a madeira era abundante, surgiram diversas manifestações escultóricas que tinha a madeira seu principal suporte, como é o

⁴ Gotthold Lessing, *Laocoön*, tr. Ellen Fronthingham (Nova York: Noonday, 1957).

caso dos totens indígenas do Canadá. É numa rocha de origem calcária que se encontra uma das mais antigas manifestações escultóricas do planeta, a Vênus de Willendorf. Desenterrada em 1908 na Áustria, a Vênus de Willendorf representava uma divindade de origens ainda desconhecidas, porém que interpretam estar ligada aos ciclos de fecundidade.



Figura (1): Vênus de Willendorf

Fonte: Arnold - 2008

Entre os materiais mais plásticos que são usados na escultura, muitas culturas, como os povos pré-colombianos, tinham como hábito o uso da argila. A argila como material escultórico já era utilizada pelos sumérios a cerca de 5.000 anos antes de Cristo. Uma das primeiras manifestações gravadas em argila, são as tábuas sumérias com a chamada “escrita cuneiforme”. A figura (2) mostra a utilização de argila para produzir tabuas com escrita cuneiforme:

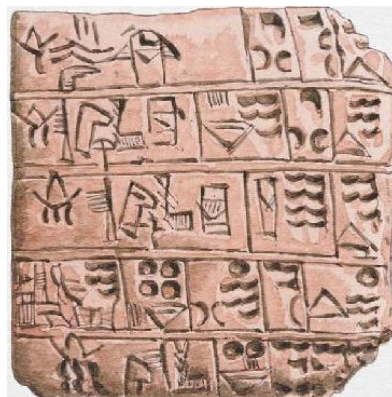


Figura (2): Tabuas de argila com escrita cuneiforme

Fonte: Arnold – 2008

1.1. Aplicações da Argila

Souza (1992) destaca que o uso das argilas já é conhecido há muito tempo e, suas aplicações são extremamente diversificadas. Hoje, as argilas são utilizadas em segmentos bastante diversos como:

- Indústria aeronáutica (Isolantes térmicos para aeronaves);
- Indústria cosmética;
- Indústria têxtil (acessórios para vestuário);
- Indústria de utensílios domésticos (pratos, cestos, panelas etc...);
- Indústria médica (próteses);
- Construção civil (liga para formação de compostos como o cimento);
- Indústria automobilística (moldes para motores, maquetes etc...)
- Na indústria de pigmentos (artísticos, estéticos e civis)

Além disso, as argilas são também a base de diversos tipos de produtos, como fertilizantes, emoldurantes, ceras, lixas, abrasadores, entre outras, sendo que recentemente algumas indústrias japonesas fazem uso do material para fabricar peças que conduzam eletricidade.

1.2. O uso da argila na arte

De acordo com Penido e Costa (1999) a argila é um material conhecido e explorada há milênios pelo homem. Está presente no cotidiano da humanidade na sua forma mais popular: a cerâmica.

Cerâmica nada mais é que o resultado da queima/cozimento de uma peça modelada em argila ou barro, como também é chamado o material em outras regiões brasileiras. O conceito de argila pode ganhar novas descrições de acordo com o ponto de vista de quem a observa e estuda. De acordo com o dicionário Aurélio, argila em latim se traduz como *argilla* e é descrita como um “sedimento que, segundo o mineral argiloso nele existente, pode ser plástico; barro”. Já uma descrição dentro da ótica da Química traz maiores detalhes da argila como sendo:

Um material de ocorrência natural composto principalmente de minerais de baixa granulometria, que apresenta plasticidade em teores de água apropriados. Embora as argilas geralmente contenham

filossilicatos, podem conter outros materiais que proporcionem plasticidade e endureçam quando secos ou queimados. Fases associadas na argila podem incluir materiais que não apresentem plasticidade e matéria orgânica. (GUGGENHEIN e MARTIN (1995) apud GUERRA, 2006, p. 5-6).

Em uma visão que transita entre a História e a Antropologia, a argila pode significar algo tão complexo quanto uma fórmula química. Proveniente da decomposição durante milhões de anos de rochas, granitos e, em algumas amostras, composta de material orgânico de origem animal e vegetal, que podem dar uma coloração mais escura ao material, a argila foi, por muito tempo, utilizada na fabricação de peças utilitárias e artísticas. Quando o homem dominou o fogo deu-se início a várias descobertas, entre elas a possibilidade de criar maior resistência e durabilidade aos materiais modelados em argila. Dessa forma, como salienta Penido e Costa (1999):

Assim que aprenderam a controlar o fogo, usado para cozinhar e aquecer o corpo, os humanos perceberam que as peças de barro seco ficavam mais duras quando expostas às chamas.(PENIDO; COSTA. 1999, p.45).

Com o domínio da técnica de manufatura da argila, inicia-se uma nova fase na história que culmina com a “invenção” da cerâmica. Penido e Costa (1999) explicam que a queima da peça é um processo que requer tanto cuidado e atenção quanto a modelagem, que tem na construção de suas espessuras uma forte dependência da queima.

Neste contexto, recomenda-se que a peça seja modelada de forma que todas as suas paredes tenham uma espessura uniforme, pois diferenças fazem com que a queima seja desigual, comprometendo todo o trabalho.

Mesmo depois da secagem ao ar livre, a argila ainda possui certo teor de água em seu interior. Quando a argila é exposta a temperatura que fique entre 100°C e 200°C, os materiais orgânicos são carbonizados e a água que lhe dava plasticidade evapora. Quando a temperatura ultrapassa os 500°C resta apenas à transformação do que chamam de “água química”, o H₂O, em um novo material cerâmico.

Corbeta (2000), afirma que a invenção da cerâmica, que tem em sua base a argila, deu origem a diversos estudos paleontológicos, visto que, por ser

um material de alta durabilidade, a cerâmica consegue deixar vestígios na natureza, mesmo estando em situações adversas, onde outros tipos de materiais sofreriam naturalmente um processo corrosivo. Por não se desgastar tão facilmente e por não sofrer com a ação de outros elementos da natureza, como a água, por exemplo, a cerâmicas costumam se conservar por longos períodos de tempo.

Ainda de acordo com Penido e Costa (1999), as primeiras peças em cerâmica que se tem notícia surgiram na região situada entre os rios Tigre e Eufrates, conhecida como Mesopotâmia, entre 5000 e 4000 a.C. Estas eram decoradas inicialmente com desenhos geométricos e logo depois com representações de figuras humanas e de animais. Diferentemente de outros materiais que acompanharam a evolução do homem na terra, como o papel e o tecido, a cerâmica sobreviveu às intempéries da natureza para servir como registro da história da humanidade. Apesar de vários séculos de contato com o material, as técnicas artísticas em argila sofreram poucas alterações apesar dos avanços e recursos tecnológicos disponíveis para o seu aprimoramento, como tornos e fornos elétricos e pigmentos e esmaltes de efeitos inéditos.



Figura (3): Argila tratada

Fonte: <http://www.ceramicanorio.com/beaba.html> - 2013

A figura (3) mostra a argila tratada, com baixo teor de umidade, pronta para iniciar o processo escultórico de alguma peça. As argilas podem ter variadas tonalidades e consistências, como explica Canal (2005). Abaixo, a tabela (1) demonstra alguns tipos comuns de argilas e suas características:

CARACTERÍSTICAS		Temp/ Cozedura	Pasta Resultante
Argila Vermelha	Argila de cor acinzentada devido ao alto teor de óxido de ferro. É muito plástica e funde facilmente, quando ultrapassa a temperatura de cozedura.	800 a 1000 C°	TERRACOTA
Argila Branca	Argila de cor cinzenta-clara, quando está húmida, embora depois de cozida a cor final seja um tom de marfim esbranquiçado. O seu teor de óxido de ferro é praticamente nulo. É muito plástica	1050 a 1150 C°	LOUÇA
Argila De Grés	Composta por argila refratária, quartzo, caulino e feldspato. É cinzenta-escuro, quando húmida, mas depois de cozida tem a cor do marfim rosado. Se ultrapassar a temperatura de cozedura tende a aumentar de volume. Considera-se uma argila de alta temperatura.	1100 a 1300 C°	GRÉS
Argila de Porcelana	Argila muito pura composta por caulino, quartzo e feldspato, sem qualquer teor de óxido de ferro. Quando húmida é cinzenta-clara, mas depois de cozida fica branca. É muito plástica. Considera-se uma argila de alta temperatura.	1300 a 1400 C°	PORCELANA

Tabela (1): Tipos de Cerâmica

Fonte: Canal - 2005

1.3. Vantagens e desvantagens do uso da argila

Souza (1992) ensina que a argila, como qualquer outro material na natureza, possui vantagens e desvantagens em sua composição que favorece alguns tipos de trabalho, mas, que também pode se tornar uma desvantagem em relação a outros tipos de manufatura.

As vantagens associadas ao uso de argila são:

- Facilidade de encontrar o material na natureza;
- Plasticidade do material;
- São produtos relativamente baratos;
- Aceitam vários pontos de fusão;
- Não são tóxicos;
- Podem ser reciclados.
- Após o seu cozimento tornam-se muito resistentes à umidade.

Já as desvantagens são:

- É preciso que a temperatura dos fornos e o processo de produção sejam adequados a cada tipo de argila, sob pena de quebra ou trincaduras no material, quando não ajustadas as medidas corretas;

- Em escala industrial é necessário que grandes espaços logísticos sejam ocupados;
- O pó de argila em suspensão no ar pode causar doenças pulmonares;
- Material é frágil, portanto é preciso muito cuidado no manuseio;
- Acumula água facilmente quando não impermeabilizada pelo processo de esmaltação ou cozedura;
- Tem baixo valor agregado.

Segundo Penido e Costa (1999), o baixo custo e a abundante oferta em território brasileiro fazem da argila uma matéria prima muito popular entre artistas e artesãos do país, tornando-se um meio muito acessível e receptível às poéticas de cada um, graças as suas propriedades plásticas.

O trabalho em argila oferece um leque de técnicas a serem aplicadas: Modelagem livre, Cordel, Cerâmica Líquida (Barbotina), Placas e Torno, para citar apenas algumas.

Assim como o cimento que é usado para unir os tijolos na construção civil, a argila também possui uma mistura para unir suas partes. Para isso utiliza-se a chamada Barbotina⁵. Em um glossário proposto por Eliana Penido e Silva Costa diz ser a barbotina “(...) qualquer argila misturada com água para dar uma consistência cremosa. Emprega-se também a barbotina mais líquida com uma substância defloculante para a confecção de peças em moldes de gesso” (PENIDO; COSTA, 1999. p.103).

No caso, para cumprir com os objetivos propostos, a consistência da mistura deve ser cremosa e homogenia, de modo a facilitar a união das partes. A proporção utilizada durante a oficina foi de uma parte de argila para duas de água, porém a mistura pode variar. Foi verificado que a barbotina funciona como a “cola” ideal de peças em argila por ser feita do próprio material a ser emendado, fazendo literalmente parte do todo após a secagem da peça.

A barbotina costuma ser muito utilizada durante a modelagem feita a partir da técnica do cordel. Essa técnica consiste em erguer peças a partir de longas tiras cilíndricas em argila que se sobrepõem uma a outra. Trata-se de um dos

⁵ A Barbotina é composto pela própria argila que é diluída com um pouco de água até obter uma mistura homogenia e consistente, com uma textura próxima ao do iogurte.

métodos mais antigos e fáceis para a construção de peças ocas, permitindo a criação de trabalhos de grandes proporções. Na hora da montagem em cordel, é preferível que as tiras da base tenham uma espessura mais grossa que as demais, para dar melhor sustentação à peça.

2. O HIBRIDISMO NA ARTE

O conceito de hibridismo se fundamenta com a obra de Charles Darwin *A Origem das Espécies por Seleção Natural (1859)*. Na visão de Darwin a fusão dos genes de diferentes espécies molda as novas e faz com que elas sejam mais resistentes para enfrentar o panorama concorrencial na natureza. Nesse sentido, somente as espécies que estiverem melhor adaptadas estarão aptas a concorrer pelo alimento, o que lhes garantirá a sobrevivência e a capacidade de passar seus genes para as próximas gerações.

O conceito de hibridismo cultural, mostrado na obra do historiador Peter Burke (2008), de certa forma, guarda semelhanças com a teoria de Darwin, no que diz respeito a capacidade de fundir os diferentes modelos culturais em vertentes híbridas, dando origem a novas formas do fazer artístico. Como exemplo temos a arte da *performance*, onde diferentes linguagens artísticas (Dança, Música, Artes Visuais, Artes Cênicas, etc) podem ser fundidas na construção do ato performático.

[...] é impossível falar-se de uma linguagem pura para a *performance*. Ela é *híbrida*, funcionando como uma espécie de fusão e ao mesmo tempo como uma releitura, talvez a partir da sua própria idéia de arte total, das mais diversas – e às vezes antagônicas – propostas modernas de atuação. (COHEN, 2004, p.108)

Burke explica que o hibridismo não se restringe apenas ao campo das artes visuais, mas dilata-se em diversas concepções como: a arquitetura, a música, a literatura entre outras. O hibridismo cultural atinge também diversas concepções que agregam uma fusão entre filosofia, religiões, línguas entre tantas possibilidades possíveis.

Para Burke (2008) o conceito de hibridismo é extremamente amplo e se associa a campos tão distintos e a práticas tão diferenciadas que dão a concepção do hibridismo uma conotação metamórfica, na qual o experimentalismo do autor cultural tem liberdade para aderir qualquer tipo de prática a qualquer tipo de experiência cultural e sensorial. No hibridismo cultural os limites estão na capacidade do autor de produzir. No entanto, para aqueles que aderem a essa nova concepção artístico-cultural, as possibilidades

são extremamente amplas, visto que a fusão de diferentes tipos de arte e de materiais é factual.

Para Peter Burke o hibridismo está associado a processos naturais que ocorrem no arbítrio humano, que impulsiona a tendência de mistura ou mesma de troca cultural, que é inerente a vontade, escapando do controle consciente da razão. Assim, o processo de hibridização é por si mesmo um processo inconsciente, no qual o artista pode não perceber o desejo de mudar, misturar ou fundir, isso acontece naturalmente sem que seja necessária uma predisposição nesse sentido.

O hibridismo cultural de Peter Burke, também pode ser entendido como uma espécie de metamorfose agregadora, que, não raro é muito utilizada na arte, dando ao artista a oportunidade de transcender os limites naturais dos conceitos estéticos estabelecidos e experimentar diferentes vertentes artísticas para compor sua obra.

Conforme ensina Peter Burke:

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos da arquitetura, na literatura ou na música (BURKE, 2003, p. 23).

As concepções artísticas que podem se apropriar do hibridismo cultural delineado por Peter Burke são extremamente amplas, essa proposta metamórfica da arte não é nova, conforme explica Chipp (1993), tendo em vista que já foi bastante utilizada por outros artistas de vanguarda.

Os vários movimentos artísticos que surgiram ao longo do século XX se apropriaram do conceito de fundir diferentes vertentes do pensamento dentro do campo artístico. O compromisso de produzir apenas o que é belo desaparece com a arte moderna, não se busca produzir um sentido, mas apenas de exteriorizar a visão que o autor tem do mundo que o cerca.

Conforme explica Feitosa (2004):

A arte do século XX não tem nenhum compromisso em imitar a realidade, em traduzir simbolicamente alguma sabedoria, nem mesmo em provocar prazer ou satisfação. De certa maneira, é nessa

direção que autores contemporâneos como Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty e Derrida conduzem suas reflexões ao recolocar a questão estética da seguinte maneira: em que medida a arte revela uma outra forma de verdade, cujo conteúdo o pensamento científico não é capaz de aprender? E ainda, em que medida não existe uma dimensão sensorial e afetiva na própria ciência e na filosofia, e isso não de uma forma meramente decorativa ou estilística, mas como pertencendo originariamente à estrutura do pensar? (FEITOSA, 2004, p. 128).

Há que se observar que o hibridismo enquanto movimento estético e artístico não é recente e encontra precedentes na obra de grandes pintores e escultores do século XX.

Conforme aponta Gombrich (2007) um dos primeiros movimentos a fundir diferentes vertentes de materiais e técnicas na concepção artística foi o cubismo, principalmente na segunda fase desse movimento (fase sintética). Um dos primeiros representantes dessa fusão de estilos foi Juan Griss. Abaixo representado pela obra *Guitarra diante do mar* de 1925.



Figura (4): Joan Griss – *Guitarra diante do mar* -1925
Fonte: Google – 2013

Também se destaca como precursor do hibridismo cultural na arte mestre Marcel Duchamp (1867-1968), com obras que trouxeram espanto para o mundo das artes, subvertendo a estética acadêmica e inserindo no universo do estudo a arte um novo *modus* de concepção artística: a arte conceitual. Um exemplo da obra de Duchamp é a *“Roda de Bicicleta”* de 1913.



Figura (5): Roda de bicicleta – Marcel Duchamp - 1913
Fonte: <http://www.arquitetonico.ufsc.br/ready-made>

Em um país de dimensões continentais, o Brasil também se destaca no que diz respeito a Hibridismo Cultural e Estético. No Brasil, um dos artistas mais profícuos que incorpora em sua obra o hibridismo metamórfico é Artur Bispo do Rosário.⁶ Abaixo, na figura (6) Bispo do Rosário veste uma de suas criações de forte cunho sincrético:



Figura (6): Arthur Bispo do Rosário vestindo uma de suas criações
Fonte: <http://www.google.com/artur+bispo+do+rosario&bay>

O hibridismo cultural está presente em diversas obras e em praticamente todas as regiões do planeta. No Brasil, um legítimo representante dessa

⁶ A data de nascimento de Arthur Bispo do Rosário é incerta, alguns estudiosos de sua obra datam seu nascimento em 1909, outros em 1911 – sua morte ocorreu em 1989.

vertente cultural é o pernambucano Francisco Brennand, que retrata em sua obra não apenas elementos da cultura brasileira, mas traz principalmente elementos da cultura universal.

2.1. A Arte Metamórfica de Francisco Brennand

De acordo com Bueno *et. al*, (2011), Francisco de Paula de Almeida Brennand nasceu no Recife – Pernambuco - em 11 de junho de 1927, filho de Ricardo de Almeida Brennand e Olímpia Padilha Nunes Coimbra, seu interesse pela arte nasceu no ensino fundamental, onde conheceu o também pernambucano Ariano Suassuna, com quem desenvolveu forte afinidade intelectual a ponto de, com ele, ser um dos fundadores do Movimento Armorial⁷.

Ao se deparar com a obra de Picasso, Brennand sentiu-se fortemente encantado com tamanha ousadia e influenciado pela obra do pintor e escultor espanhol. Outros grandes nomes da arte que tiveram decisiva influência na obra de Brennand foram: Chagal, Matisse, Antonio Gaudi, Braque, Gauguin e principalmente Juan Miró.

Os primeiros experimentos com arte cerâmica iniciam-se ainda nos anos de 1950, em Perúgia – Itália. A obra de Brennand é fortemente influenciada por uma estética diversificada, baseada no metamorfismo artístico, que incorpora o conceito de hibridismo cultural.

A oficina ateliê Brennand é fruto de uma herança familiar e do sonho de revitalização do espaço, a falida Cerâmica São Jorge, que funciona como um imenso museu ao ar livre onde obras do pintor e ceramista Francisco Brennand parecem observar cada visitante que chega. Abaixo, na figura (7), a fotografia do mestre Francisco Brennand em meio a algumas de suas obras:

⁷ Em depoimento ao Jornal da Semana do dia 20 de maio de 1975, Ariano diz que "A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados .



Figura (7): Francisco Brennand
Fonte: <http://bastidoresdopanorama.blogspot.com.br>

Seu projeto sem fim (*work in progress*) consiste em ocupar com seus seres modelados em argila toda a área de sua grande propriedade com cerca de 15.000 metros quadrados, distribuídos entre áreas cobertas, como os galpões, e áreas externas. Como parte desse projeto de vida, Brennand pretende povoar com suas esculturas todos os espaços, estendendo-se até chegar às margens do Rio Capibaribe, um ícone nordestino, que corta sua propriedade. (LIMA, 2009, p.52)

O local, onde está instalada a Oficina Brennand ainda preserva parte de sua antiga estrutura fabril, além de abrigar no interior de alguns prédios as complexas obras poéticas do artista. Além disso, funciona no local a produção de ladrilhos cerâmicos destinados à comercialização.

2.2. As Criações Híbridas de Francisco Brennand

Segundo Bueno *et. al*, (2011), o obra de Francisco Brennand é marcada por uma poética e um processo criativo extremamente abrangente. O trabalho de Brennand é introspectivo e profundamente arraigado numa visão particular que o artista tem de sua cultura geral e, também dos artistas que o inspiraram ao longo da vida.

Brennand, apesar de já ser octogenário, possui uma vitalidade criativa que impressiona aqueles que visitam sua oficina e o encontram em campo, a

tratar de suas obras. É um árduo defensor do silêncio e adepto da reclusão, costuma se isolar para produzir suas peças sem que haja a interferência externa que o faça “perder sua inspiração”. Em seu ateliê se lê no detalhe de um imenso painel cerâmico que ambienta sua Oficina, os seguintes dizeres “Não interrompam este silêncio”. Brennand considera seu ambiente de produção e de exposição um templo e como tal, acredita que como nos templos, o sentido da contemplação deve sobrepor todos os outros. Os visitantes que frequentam sua oficina são orientados para se conduzirem de forma ordeira e silenciosa, como se estivessem no interior de uma igreja secular.

Ao visitar a Oficina Brennand, logo ao entrar, é possível entender melhor o sentido que a frase faz e o alerta que é dado a todo visitante. Mesmo antes do contato com a frase sugestiva já é possível se deixar envolver pelo ambiente de clima misterioso.

O silêncio diante de sua obra torna-se necessário para que esta pura expectativa sirva de momento de contemplação, conduzindo o visitante a uma atmosfera de reflexão e de encantamento.

O silêncio surge de forma respeitosa diante da obra de Brennand. Ali estão presentes personagens da cultura universal que ilustram os mistérios da vida como os bíblicos Adão e Eva, Cain e Maria Imaculada; os mitológicos Netuno, Vênus, Palas de Atena, Lara; e os históricos Joana D’Arc, Maria Antonieta, Calígula, Atahvalpa entre outros criando um ambiente multicultural.

Bueno (2011) *in* LIMA (2009) afirma que Brennand é uma mente em estado de ebulição efervescente, um artista incansável e de grandes ideias. Como parte do seu projeto sem fim (*work in progress*), Brennand pretende povoar com suas esculturas todos os espaços, até chegar às margens do Rio Capibaribe, um ícone nordestino, que corta sua propriedade.

Brennand produz uma obra versátil, fundamentada não apenas na escultura, mas também na arte pictórica, se considerando muito mais um pintor que um escultor. Abaixo temos uma de suas produções na figura (8):



Figura (8): “Olho de Deus”, Óleo sobre tela, 110 X 145 cm, 1980?
Fonte: fotografia de Celso Pereira Jr.

A obra de Brenand é permeada de sensualidade, de erotismo e de misticismo, sendo extremamente figurativa. Em meio a uma ampla gama de personagens Brenand tem como principal poética do conjunto de sua obra em cerâmica os mistérios da vida, permeada de arte, fundamentada na literatura e na mitologia. Mistérios estes que envolvem o grande enigma do universo: a reprodução, a fertilidade e a sexualidade feminina são temas recorrentes em sua obra. Nessas representações escultóricas surgem fragmentos do corpo masculino e feminino relacionados à sexualidade tendo o ovo seu símbolo maior da vida. A figura (9) mostra uma das criações de Brenand, exposta em sua Oficina, onde a sensualidade feminina da Vênus mostra-se como fio condutor de sua genialidade.



Figura (9): Obras diversas de Francisco Brennand
Fonte: Fotografia de Gabriela Sales da Rocha.

Vale ressaltar que Brennand não concorda com a associação de sua arte com o erotismo, uma vez que ao observar seu trabalho foi possível perceber que ele recorre a elementos sexuais para retratar a reprodução como condição primordial a vida, enquanto o erotismo é um fim em si mesmo, com objetivos distintos à reprodução.

Em meio a estas formas surgem também criações orgânicas. Pássaros, répteis, frutos e peixes erguem-se em um universo com formas originais e por vezes híbridas há elementos da anatomia humana, como pés, vértebras e até o próprio sexo.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. Memorial descritivo do experimento

O experimento em artes visuais realizado para o trabalho em questão, teve como proposta produzir uma oficina em artes plásticas que colocasse em prática algumas propostas pedagógicas em sala de aula, servindo assim de base para a disciplina Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3, na qual, buscou-se voltar as oficinas para a comunidade.

Para tanto, foi feita uma parceria com o Centro Educacional Asa Norte (CEAN), o Laboratório de Educação e Visualidades – LIGO e o próprio Departamento de Artes Visuais (VIS/IdA), com o objetivo de colocar em prática cinco oficinas, entre elas, a oficina “Iniciação à Modelagem em Argila através de Elementos Híbridos de Francisco Brennand”. O foco de interesse não estava no conteúdo a que foi ensinado (Modelagem em argila), mas sim na proposta metodológica (Expositiva dialógica), visto que a prática em modelagem torna-se apenas um meio para atingir um fim maior: o de levar aos alunos a consciência da coletividade, da convivência em sociedade, do desapego ao trabalho autoral.

Parte da intenção estava em observar os desafios da criação coletiva em algo tão pessoal e autoral como a modelagem em argila. Para isso uma proposta específica dentro do curso foi lançada. Os participantes foram convidados a criar uma peça individual, modelando livremente de acordo com um tema proposto e decidido em conjunto pelo grupo. Ao finalizarem suas peças, seriam instruídos a compor em dupla, em trio ou até mesmo com todo o grupo uma peça híbrida, decorrente da união de parte do trabalho de cada participante.

Por consequência, para essa construção, os participantes tiveram que fragmentar suas criações, com o auxílio das ferramentas construídas, em quantas partes acharem necessárias. As partes foram unidas de forma que se obtivesse, ao fim, um produto artístico original, híbrido e coletivo. Em todo o momento os participantes tiveram total liberdade de decisões e escolhas, e o desenrolar de suas ações foram observadas e orientadas, sempre que necessário, pela ministrante da oficina.

3.2. A motivação para o uso da argila

A escolha da argila como o material que conduziu as práticas pedagógicas deu-se em função de basicamente três tópicos. O interesse inicial surgiu em virtude do contato anterior com o material como aluna do curso de Iniciação à Cerâmica – Modelagem em Argila, oferecido gratuitamente à comunidade no Museu Vivo da Memória Candanga (Núcleo Bandeirante), passando a ser frequentadora do espaço para projetos pessoais.

Além disso, ao longo da elaboração da oficina de Iniciação à modelagem em Argila, foi possível perceber que há uma carência de ofertas de cursos dentro do Distrito Federal que envolvam especificamente a modelagem em argila e suas variadas técnicas, o que também, tornou-se um motivo de produzir a oficina em questão, ou seja, propiciar o contato de outras pessoas com técnicas artesanais de produção em argila.

Por fim, outro elemento motivador para o uso da argila foi justamente o baixo custo do material, combinado com as múltiplas possibilidades plásticas que o material oferece. Dependendo das técnicas que se deseja ensinar, a montagem de uma oficina de modelagem em argila pode ter custos muito baixos. No caso da oficina oferecida, os tópicos trabalhados foram basicamente quatro: a construção das ferramentas próprias para modelagem em cerâmica; a Modelagem em Argila, feita manualmente com o auxílio de algumas das ferramentas construídas; a Construção em Cordel, que consiste em erguer peças com tiras cilíndricas de argila; e a Emenda com Barbotina, que terá papel fundamental no desenvolvimento das atividades propostas ao grupo. A queima das peças para a sua transformação em cerâmica será feita através de um forno específico localizado no Museu Vivo da Memória Candanga, que dispõe de uma já consolidada oficina que ensina as principais técnicas gratuitamente. Nesta ocasião, os participantes do grupo foram convidados a conhecer o cotidiano da oficina, além de visitar as demais áreas do Museu.

O trabalho do pintor e ceramista pernambucano Francisco Brennand foi apresentado como fio condutor das práticas em cerâmica. Além de sua notoriedade no cenário artístico nacional e internacional, a escolha se justifica também devido a oportunidade que a autora deste TCC teve ao visitar a Oficina Brennand.

3.3. Objetivos

Os objetivos da oficina podem ser divididos em duas instâncias distintas:

- ✓ Em primeiro plano, o objetivo foi de criar um experimento, baseado na prática pedagógica do ensino das artes, cuja proposta era produzir uma oficina de Cerâmica – Modelagem em Argila, que servisse à graduanda como ponto de partida para observar a compreensão dos educandos, das possibilidades artísticas expressas no hibridismo presente na obra de Francisco Brennand, enquanto arte escultórica.
- ✓ Em segundo plano foi o de oportunizar a comunidade participante do experimento uma oficina que pudesse oferecer condições de se expressar por meio da arte da modelagem, balizando essa expressividade nas criações de Francisco Brennand, e, ao mesmo tempo, observar a capacidade dos participantes de assumirem uma postura de consciência da coletividade, de socialização e do desapego do trabalho autoral.

3.4 Procedimentos

A metodologia escolhida para ministrar as oficinas foi à expositiva dialógica, visto que seria possível estabelecer um intercâmbio de conhecimentos e experiências entre professor e aluno, eliminando a passividade e a simples reprodução de técnicas, possibilitando, principalmente ao aluno uma maior liberdade criativa.

No primeiro momento foi realizado uma breve apresentação da proposta da oficina, em seguida, acertou-se que o horário das intervenções seria de 14 as 17 horas. Ademais, os alunos foram orientados quanto a proposta ao encerramento do curso, com a queima dos trabalhos produzidos, nos fornos do Museu Vivo da Memória Candanga – além de também visitar o museu.

Num primeiro instante houve receio em promover a apresentação formal dos participantes, por acreditar que isso seria um incômodo. No entanto, ao perceber que essa apresentação fazia-se necessária, visto que era preciso conhecer a bagagem trazida à oficina por cada participante, a apresentação foi feita e para a surpresa da autora deste TCC e da turma, as formações dos participantes denotavam uma ampla gama de profissões e formações, sendo

que havia desde engenheira química, até graduandos de letras e artes plásticas, passando por estudantes de história e um participante que ainda cursava o Ensino Médio. A faixa etária era bastante variada e só foi possível obter um certo equilíbrio quantitativo em relação ao gênero dos participantes.

Uma das questões levantadas à turma foi um possível contato anterior com a argila. De todos, apenas uma pessoa nunca tinha tido contato com o material, o restante teve a primeira experiência ainda na infância. Foi questionado se todos sabiam definir o que era argila. A aluna de geografia mencionou sobre o tamanho de partículas, a engenheira química não quis entrar no discurso e os demais participantes não sabiam responder com exatidão. Foi colocado em debate as várias categorias dessa definição: poderia ser no campo da química, ou da antropologia, ou até mesmo das artes. Aproveitando a contribuição a participante do curso de Geografia, foi possível iniciar e desenvolver melhor o conceito de argila. Foi informado que o que tinha ali em mãos era produto de muitos anos de decomposição de matéria orgânica e minerais que foram hidratados, dando a principal característica da argila: a sua plasticidade. Foi comentado também sobre a importância histórica do material como testemunha da passagem do homem na Terra, pois nem todos os demais artefatos produzidos pelo homem resistiram tão bem ao tempo quanto à cerâmica.

O primeiro exercício proposto foi à fabricação das ferramentas de trabalho. A autora mostrou as ferramentas que dispunha para sua prática pessoal e sugeriu que os demais participantes produzissem as suas próprias, a partir da percepção das ferramentas da graduanda. Um dos estudantes fez uma grande contribuição sugerindo que todos personalizassem suas ferramentas de forma a dar uma identidade a elas, evitando a perda ou a troca indesejada. O participante que terminasse a confecção da ferramenta poderia experimentar de forma livre a argila.



Figura (10): Alunos confeccionando as ferramentas de trabalho
Fonte: Graduanda - 2013

A oficina iniciou-se com a preparação das ferramentas, no primeiro dia, e nos dias subsequentes tiveram um tom mais temático, com o ensino de técnicas diferentes nos dias que se seguiram.

3.5 Participantes

Ao todo, participaram da Oficina sete pessoas assim dispostas:

01 Estudante de História

01 Estudante Letras Português do Brasil como segunda Língua

01 Estudante de Geografia

01 Psicóloga

01 Estudante de Artes Plásticas

01 Estudante do Ensino Médio

01 Engenheira Química

3.6 Local

As oficinas de modelagem em argila foram realizadas no CEAN - Centro Educacional Asa Norte (CEAN), localizada à SGAN 6060, S/N MDG/H – Asa Norte – Brasília – DF.

3.7. Materiais Utilizados

Basicamente os materiais utilizados na oficina de cerâmica foram: Ferramentas confeccionadas pelos próprios participantes, as quais destacamos as mostradas na figura (11), todas confeccionadas com massa epóxi, grampos, arames e bambus:



Figura (11): Ferramentas utilizadas na Oficina, confeccionadas pelos próprios participantes.

Fonte: Guilherme Freire – 2013

Além disso, foram utilizados também, 5kg de argila, bamboo, bolas de gude, pregos pequenos, massa epóxi, grampo de cabelo, alicate, fio de nylon e grampo de roupa.

3.8. Praticas nas oficinas

Primeiro dia: o objetivo era apresentar e discutir as propriedades da argila, além de ensinar os alunos a confeccionar as ferramentas para manipulação desse material ao longo da semana.

No primeiro dia buscou-se saber dos alunos se os mesmos sabiam definir argila. A aluna de geografia mencionou sobre o tamanho de partículas, a engenheira química não quis entrar no discurso e os demais não sabiam responder com exatidão.

O conceito trazido pela aluna de geografia foi aproveitado e melhor desenvolvido com a turma, na qual partiu-se para explicação das categorias dessa definição dentro dos campos das Artes, da Antropologia e também da Química. Em seguida comentou-se a importância histórica que a argila tem na construção da arte. O primeiro exercício foi o de fabricar as ferramentas para

modelar a argila, para que os alunos não ficassem frustrados ao fim da aula, por não trabalhar com argila no primeiro dia, sugeriu-se que aqueles que terminassem pudessem fazer pequenos testes de suas ferramentas modelando a argila que já estava presente no ambiente. Na figura 12, abaixo, é possível observar a dinâmica do primeiro dia de aula, com os alunos produzindo suas ferramentas e testando na argila disponível.



Figura (12): Alunos no primeiro dia confeccionando ferramentas
Fonte: Gabriela Sales da Rocha - 2013

Segundo dia: Utilização das ferramentas; Técnica do Cordel; Emenda com Barbotina.

No segundo dia, iniciou-se a oficina com uma discussão sobre o uso da argila na construção civil, explicando que a mesma é utilizada na composição do cimento. Além disso, explicou-se aos alunos o uso das ferramentas.



Figura (13): segundo dia – ensino de técnicas de modelagem em argila
Fonte: <http://www.ceramicatrespiedras.com>; <http://www.ceramicatrespiedras.com>;
<http://japiacu.blogspot.com.br>.

Terceiro dia: Discutir o Hibridismo, Hibridismo Cultural (Peter Burke), apresentar a obra de Francisco Brennand.

No terceiro dia, após cumprir as etapas básicas foi introduzido o conceito de hibridismo à turma. Foi verificado que por hibridismo todos sabiam dar exemplos dentro do campo da biologia. No entanto, foi deixando um questionamento: seria possível o hibridismo enquanto prática transitar em outras áreas? Assim foi apresentado o conceito trazido por Peter Burke que se estende a língua, a música, as artes e tantos outros.

Como a ideia era inserir os alunos no universo da obra de Francisco Brennand, foram apresentados alguns trabalhos do artista, por meio de livros e fotografias. Duas obras em específico foram escolhidas para se fazer uma leitura mais aprofundada: “*Passado Rocca*” e “*Sereia*”, conforme ilustrações abaixo:



Figura (14): terceiro dia – apresentação da obra de Francisco Brennand

Fonte: Sítio Oficina Brennand – www.oficinabrennand.com.br

Essas obras estão expostas em um dos pátios da oficina-ateliê Brennand, no Recife, que o próprio artista nomeia de “templo”. Pode-se ver no alto de um mural as formas totêmicas dos “*Pássaros Rocca*”, como esguias figuras, com corpo que se parecem com uma espinha dorsal e cabeças de abutre. Para chegar a essas criações o artista fez uso de antigos desenhos inspirados em rastros de tinta deixados no asfalto. De acordo com o depoimento de Brennand:

No caso, tornar-se-ia impossível corporificar o *Pássaro Rocca* se eu não me houvesse servido de um desenho feito vinte anos antes, quando estava no oitavo andar de um prédio, à espera de uma consulta médica. Inquieto, olhava lá embaixo a rua demarcada com suas faixas de trânsito, toda manchada de branco e amarelo. Pois, certamente, na madrugada daquele dia, automóveis e caminhões

tinham passado sobre a tinta fresca, deixando marcas serpenteantes no asfalto negro (2005, p. 05).

A origem dos *Pássaros Rocca* (Pássaros Rocha) vem da leitura de *Simbad, o Marinheiro, em uma das histórias das mil e uma noites*, onde o famoso aventureiro tem um encontro com gigantescos ovos em uma ilha rochosa, a reação dos pássaros que jogavam pedras nos invasores que naufragavam.

Esse relato, colhido ainda na infância de Brennand, impressionou, sobremaneira o artista. Segundo Brennand, a escultura do *Pássaro Rocca* representa a defesa da vida e consecutivamente da família, visto que o pássaro defende sua cria que representa a continuação de sua espécie.

A obra “*Sereia*” causou estranheza. Os participantes perguntavam o porquê dela ser representada metade mulher e metade pássaro. Foi interessante ver a reação da maior parte das pessoas, visto que a sereia mitológica é comumente representada metade humana, metade peixe.

Foi explicado aos alunos que a liberdade poética credencia o autor para fazer uma releitura de qualquer obra, segundo as suas próprias concepções, o que também se aplica ao conceito de hibridismo.

Feito essas abordagens iniciou-se a aula, buscando mostrar o universo da obra de Brennand, como fio condutor para futuras criações dos alunos. Os alunos foram orientados que, ao final do trabalho individual, as obras deveriam ser fragmentadas a fim de compor uma obra coletiva.

No entanto a proposta inicial não vingou, já que os alunos ficaram muito apegados as suas obras.

Quarto dia: Construção de um trabalho particular, fragmentação do trabalho, troca de partes e montagem de um trabalho coletivo.



Figura (15): Quarto dia – construção individual e fragmentação dos trabalhos
Fonte: Gabriela Sales da Rocha– 2013

Quinto dia: fazer o acabamento e finalizar os trabalhos. As peças individuais de cada participante foram finalizadas, porém nenhum dos participantes concordou com a ideia de fragmentá-las.



Figura (16): Quinto dia – acabamento das peças
Fonte: Gabriela Sales da Rocha – 2013

Sexto dia: visita ao Museu Vivo da Memória Candanga. Os participantes foram convidados a conhecer o Museu Vivo da História Candanga, situado no Núcleo Bandeirante – DF.

A importância de levar os participantes a conhecer o MVMC está no fato desse local possui várias oficinas que buscam ensinar a técnica de modelagem em argila e, além disso, também possui fornos apropriados para a queima do material finalizado, coisa que não foi possível de ser feita na oficina presente, em virtude de não disponibilizar da estrutura necessária para tal.

O contato dos alunos com o Museu Vivo da Memória Candanga se deu num clima de fascinação e de alegria, no qual, foi possível mostrar aos alunos um universo que para eles ainda era desconhecido, com obras de diversos

autores e técnicas que não se limitavam apenas a modelagem em cerâmica, embora, a abordagem dessas técnicas não tivesse sido o foco da oficina.



Figura (17): Sexto dia – visitação ao Museu vivo da Memória Candanga para troca de experiências.

Fonte: Gabriela Sales da Rocha – 2013

3.9. A participação do Educador na oficina

A autora deste TCC buscou ministrar as instruções necessárias para o desenvolvimento da oficina de modelagem em cerâmica, porém, sem interferir no potencial criativo dos alunos. Limitou-se apenas a ensinar as técnicas de confecção do material de trabalho e de modelagem em cerâmica e, também de mostrar aos participantes a obra do escultor Francisco Brennand.

O presente experimento serviu para destacar algumas práticas que serão comuns na vida profissional como educador em artes. A oficina mostrou a graduanda situações que serão uma constante na carreira e que também precisam ser refletidas para adequar a prática profissional com as demandas dos educandos. Neste contexto, a oficina representou a oportunidade de mensurar dificuldades, observar maneiras de colocar situações distintas, aprender a ouvir e entender as diferentes colocações feitas por pessoas que são leigas ao mundo das artes. Mais do que ensinar, a oficina também serviu como um aprendizado, no qual o desafio foi não interferir na capacidade criativa dos alunos e deixá-los à vontade para produzir o que bem entendessem, obviamente norteando-os na proposta previamente concebida para o trabalho.

3.10. Dificuldades encontradas

As dificuldades encontradas na execução das oficinas foram poucas e se resumiram, basicamente, a ensinar a técnica para alguns dos alunos que demoraram um pouco para decidir qual tipo de obra iriam produzir. Para tanto, sugeri que alguns deles analisassem com bastante parcimônia a obra de Francisco Brennand e refletissem sobre como o conceito de hibridismo foi utilizada nas obras produzidas, demonstrando que a liberdade criadora do autor associada ao conceito de hibridismo poderia auxiliá-los a produzir peças originais, sem a necessidade de copiar peças de autores consagrados. Expliquei que a observação dessas peças se daria apenas com um viés motivador e como objeto de estudo, para que, a partir da análise dos elementos que compõem a obra de Francisco Brennand fosse possível compor sua própria escultura.

Os participantes entenderam essa proposta e assimilaram a informação, passando a delinear a escolha da temática de suas criações com base nas informações passadas pela graduanda.

3.11. Recomendações

Para efeito de futuras experimentações que tomem o estudo aqui descrito como ponto de partida recomendamos que:

- ✓ O planejamento da oficina seja feita com maior antecedência, juntamente com a divulgação da mesma, visando captar um número maior de participantes;
- ✓ Se possível, também poderia ser estendido o número de encontros, de maneira que se pudesse observar com maior abrangência o processo de preparação e queima do material no Museu Vivo da História Candanga;
- ✓ Recomendamos aos alunos e aqueles que vierem a participar de novos estudos que observem o quanto a técnica de modelagem em argila contribui para a preservação da cultura de diversas regiões brasileiras, servindo como elemento de construção cultural em diversos polos de artesanato e de arte no país.

CONCLUSÕES

O presente TCC nasceu da necessidade de experiência prática em sala de aula e, para isso, foi preciso investigar o hibridismo cultural, conceito trazido por Peter Burke, que pode ser encontrado na composição artística da obra escultórica de Francisco Brennand, e como essa característica tão peculiar desse artista brasileiro poderia ser usada como fio condutor de uma prática pedagógica em sala de aula, que se propôs a criar oficinas de Artes Visuais voltadas para a comunidade. Além disso, tal experimento serviu para levar aos participantes a consciência de coletividade, da convivência em sociedade, do desapego ao trabalho autoral.

A pergunta que deu origem a esse estudo foi: é possível se introjetar numa prática que é iminentemente solitária, como a escultura, o ato de criação coletiva, partindo da obra de um dos maiores escultores brasileiros: Francisco Brennand?. O experimento foi idealizado e executado como uma Oficina de Modelagem em Argila, realizada no durante o Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3, em parceria com o Centro Educacional Asa Norte (CEAN).

O que se buscou com o experimento foi apurar a técnica pedagógica na graduanda, a fim de possibilitar a ela de conviver com a dinâmica desse tipo de prática em uma situação fática, na qual, pudesse interagir com alunos e, a partir dessa interação absorver ao máximo, as inquietações, as dúvidas, as maneiras e os problemas que surgem em práticas pedagógicas correlatas a essa, que fazem parte da atividade docente e que, com certeza, acompanharão a graduanda em sua prática profissional ao longo de toda a sua carreira.

Ao iniciar o estágio, a graduanda afirma que sentiu certo receio de deparar-se com a falta de público, apesar da massiva divulgação. No entanto, após os participantes se apresentarem e, em bom número, esse temor foi deixado de lado.

Uma das impressões iniciais que a graduanda teve sobre a oficina foi que, por mais que planos de aula sejam elaborados, na hora em que a prática pedagógica começa, tais planos estão sujeitos a mudanças que se adaptam na medida em que as contingências da dinâmica de sala de aula vão aparecendo.

Um dos objetivos propostos para esse estudo não conseguiu ser realizado, ou seja, não se conseguiu fazer com que os alunos tivessem o

desapego ao trabalho autoral e se lançassem em um trabalho coletivo, com base nos trabalhos individuais produzidos por cada um. O que se notou é que a criação individual cria um elo emocional entre o autor e a obra que é difícil ser quebrado em prol de um trabalho coletivo.

Ao final da oficina foi feita uma visita, com os alunos no Museu Vivo da História Candanga, no qual, todos os participantes tiveram a oportunidade de ver, na prática, como é feita a queima do material em uma escala artesanal. A ideia de levar os participantes até o MVHC surgiu em virtude do desejo de que os participantes tivessem condições de dar continuidade aos seus estudos na técnica de modelagem em argila, ofertando-lhes um local onde eles pudessem aprimorar a técnica que lhes foi disponibilizada na Oficina de Modelagem.

Ao serem questionados se existia esse interesse os estudantes, em sua maioria se mostraram dispostos a continuar estudando as técnicas de modelagem. Em resposta ao questionamento que originou o trabalho, o que é possível afirmar é que o objetivo do trabalho foi alcançado parcialmente, visto que no que diz respeito a promover a socialização pode-se considerar que se obteve sucesso no projeto, já que a troca de informações e de interações entre os participantes ao longo de toda oficina foi extremamente intensa. No entanto, no que diz respeito ao desapego do trabalho autoral, já não se pode afirmar que o sucesso tenha sido o mesmo, visto que, depois da conclusão dos trabalhos a maior parte dos participantes desistiu da ideia de fragmentar suas peças para produzir um trabalho coletivo, o que demonstra que a obra produzida gera um nível de apego com o participante que é muito difícil de se desfazer em prol do trabalho coletivo.

Quanto a proposta de usar a obra de Francisco Brennand e o conceito de hibridismo cultural exposto por Peter Burke, o que se observa é que todos os participantes captaram a ideia central do conceito de hibridismo e, também, absorveram esse conceito na obra de Francisco Brennand. As peças finalizadas demonstram que a maior parte dos participantes buscou uma reflexão na obra de Brennand para produzir suas próprias peças, porém, sem a preocupação de imitar a obra do grande mestre pernambucano.

Por fim, a produção da oficina de modelagem em argila serviu para que a graduanda pudesse experimentar na prática, situações fáticas que

demonstram as dificuldades e realizações desse tipo de prática pedagógica. Atuar junto a um público tão diversificado e com interesses tão distintos serviu para formatar um novo olhar sobre o papel do educador e sua responsabilidade no tocante a interação com seus alunos e com a tarefa importantíssima que é o ensinar. A oficina também mostrou a graduanda que a Educação é uma via de mão dupla, na qual o ato de ensinar está intimamente arraigado, também, com o de aprender. Neste contexto, mais do que ensinar técnicas de modelagem em argila, a oficina serviu como um ambiente na qual a educadora ensinou algumas técnicas e, aprendeu muito com seus alunos e com toda a dinâmica do evento.

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, Dana. *Introdução à História da Arte*. São Paulo: Ática, 2008.
- BUENO, Alexei.; ERMAKOFF, George.; FORTES, Mariana Brennand. *O Universo de Francisco Brennand*. São Paulo: G. Ermakoff, 2011.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CORBETA, Glória. *Manual do escultor*. 2ª ed. Porto Alegre: Agê Editora, 2000.
- FREIRE, Cristina. *Arte conceitual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2006.
- GOMBRICH, E.H. *Arte e Ilusão: Um Estudo de Psicologia da Representação Pictórica*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GUERRA, Sônia Ribeiro. *Síntese, caracterização e desempenho de argilas pilarizadas com Zircônio na alquilação de Bênzeno com Olefinas*. Disponível em: http://teses.ufri.br/COPPE_D/SoniaRibeiroGuerra.pdf acesso em Abr.2013.
- KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIMA, Camila da Costa. *Francisco Brennand: aspectos da construção de uma obra em escultura cerâmica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- PENIDO, Eliana.; COSTA, Silvia de Souza. *Cerâmica*. 2ª ed. São Paulo: Senac, 1999.
- SOUZA Santos, P.; *Ciência e Tecnologia de Argilas*. 2ª ed., Edgar Blücher: São Paulo, 1992, vol. 1.

ANEXOS

PLANOS DE AULA

Oficina de Iniciação à Modelagem em Argila através de Elementos Híbridos de Francisco Brennand

Plano de aula

28 de janeiro de 2013 horário: 14:00 – 17:00

Oficina de Modelagem em Argila

Tema: as propriedades da argila e a manufatura de ferramentas

Objetivos gerais: apresentar o material argila – Construção das ferramentas de trabalho.

Objetivos específicos: Apresentação geral do curso; Apresentação da turma; Ensinar a fazer as próprias ferramentas de trabalho; Experimentação livre da modelagem em argila.

Espaço físico: Sala de Artes – CEAN

Materiais utilizados: 5kl de argila, bambu, bolas de gude, pregos pequenos, massa epox, grampo de cabelo, alicate, fio de nylon e grampo de roupa.

Metodologia: Expositiva Dialógica

Procedimentos:

- Fazer uma breve apresentação do curso/participantes e dos meus objetivos como aluna da disciplina estágio 03.
- Explicar como será encerrada a oficina: com uma visita ao Museu Vivo da Memória Candanga (à combinar ao longo da semana).
- Apresentação das ferramentas de Trabalho e suas funções. Manufatura das ferramentas.
- Recolher assinaturas: Autorização para uso de Imagem e Som

Plano de aula

29 de janeiro de 2013 horário: 14:00 – 17:00

Oficina de Modelagem em Argila

Tema: Trabalhando a argila

Objetivos gerais: **Utilização das ferramentas;** Técnica do Cordel; Emenda com Barbotina.

Objetivos específicos: Utilização e função das ferramentas confeccionadas; Técnica do Cordel; Preparo de Barbotina para emenda; Armazenamento dos trabalhos.

Espaço físico: Sala de Artes – CEAN

Materiais utilizados: 5kl de argila, ferramentas confeccionadas na aula anterior, saco plástico, faca, colheres, garfos e potes para armazenar água.

Metodologia: Expositiva Dialógica

Procedimentos:

- Iniciar uma reflexão sobre a construção civil: como uma parede pode ficar erguida? Através do encaixe dos tijolos e de cimento para a emenda. No caso da argila, o cimento que une é a Barbotina.

- O que é a barbotina e como prepará-la?
- Como emendar uma peça? Utilizar ferramentas apropriadas.
- Iniciar uma reflexão sobre a construção de peças com paredes altas. Como era possível antigamente sem a utilização de aparelhos tecnológicos (torno)?

Técnica do Cordel.

Plano de aula

30 de janeiro de 2013 horário: 14:00 – 17:00

Oficina de Modelagem em Argila

Tema: Hibridismo nas obras e Francisco Brennand

Objetivos gerais: Discutir sobre Hibridismo, Hibridismo Cultural (Peter Burke), apresentar a obra de Francisco Brennand.

Objetivos específicos: Leitura das obras híbridas de Brennand, identificar elementos híbridos nas obras, apresentar origens e influências de algumas obras (Pássaro Rocca e Sereia), criação de uma peça híbrida.

Espaço físico: Sala de Artes – CEAN

Materiais utilizados: 5kl de argila, ferramentas confeccionadas na aula anterior, saco plástico, faca, colheres, garfos, potes para armazenar água, livros e catálogos sobre Brennand e imagens de referências para leitura das obras.

Metodologia: Expositiva Dialógica

Procedimentos:

- Recapitular as práticas e aprendizados da aula anterior.

-Iniciar uma reflexão sobre o conceito de Hibridismo.O que se entende por Hibridismo?O que está suscetível à hibridação?É possível o hibridismo cultural? Como seria? Cite exemplos do que se entende por hibridismo cultural. (Sincretismo)

-Falar sobre hibridação cultural - Peter Burke

-Sobre Francisco Brennand e sua Obra. Posso afirmar que a obra de Brennand possui elementos híbridos? Quais elementos vocês conseguem reconhecer na obra de Brennand?(Mostrar uma obra específica)

-Leitura das obras “Pássaro Rocca” e “Sereia”.

Plano de aula

31 de janeiro de 2013 horário: 14:00 – 17:00

Oficina de Modelagem em Argila

Tema: Construção coletiva – Obra Híbrida

Objetivos gerais: Construção de um trabalho coletivo.

Objetivos específicos: Construção de um trabalho particular, fragmentação do trabalho, troca de partes e montagem de um trabalho coletivo.

Espaço físico: Sala de Artes – CEAN

Materiais utilizados: 5kl de argila, ferramentas confeccionadas na aula anterior, saco plástico, faca, colheres, garfos, potes para armazenar água, livros e catálogos sobre Brennand e imagens de referências para leitura das obras.

Metodologia: Expositiva Dialógica

Procedimentos:

- Recapitular as práticas e aprendizados da aula anterior.
- Finalizar trabalhos iniciados na aula anterior.
- Proposta de exercício: Criação coletiva de um trabalho híbrido.
 - Fragmentação das peças e emenda com barbotina.

Plano de aula

1º de fevereiro de 2013 horário: 14:00 – 17:00

Oficina de Modelagem em Argila

Tema: Acabamento e finalização dos trabalhos

Objetivos gerais: Acabamento e finalização dos trabalhos.

Objetivos específicos: Trabalhar com as ferramentas o acabamento das peças.

Espaço físico: Sala de Artes – CEAN

Materiais utilizados: 5kl de argila, ferramentas confeccionadas na aula anterior, saco plástico, faca, colheres, garfos, potes para armazenar água.

Metodologia: Expositiva Dialógica

Procedimentos:

- Recapitular as práticas e aprendizados da aula anterior.
- Finalizar trabalhos iniciados na aula anterior.
- Fazer acabamento das peças.

REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS OFICINAS



Figura 1 - Estudante modelando a partir da técnica do cordel.



Figura 2 - Estudante fazendo uso das ferramentas confeccionadas por ele.



Figura 3 - Modelando a partir da técnica do cordel.

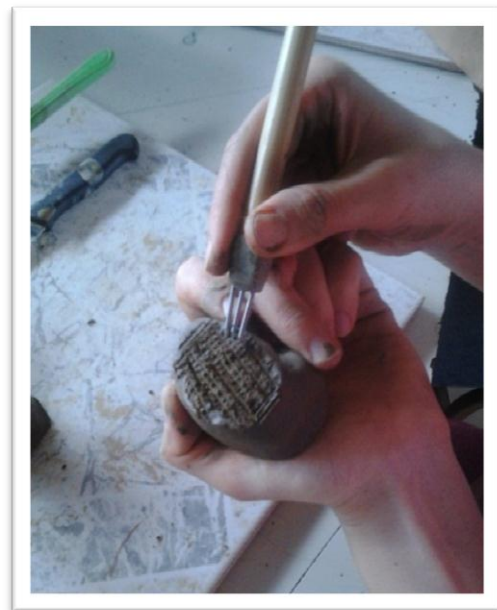


Figura 4 - Uso da ferramenta na feitura de ranhuras para a emenda de peças modeladas em argila.



Figura 5 - Estudantes visitando as oficinas de arte do Museu Vivo da Memória Candanga - DF.



Figura 6 - Armazenamento das peças para serem novamente trabalhadas posteriormente.



Figura 7 - Peça de autoria de Francisco Brennand levada por Guilherme Freire.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA OFICINA



Oficina de

Iniciação à Modelagem em Argila

Através de elementos híbridos de *Francisco Brennand*

Aulas e Materiais **Gratuitos**

Ministrante: Gabriela Sales da Rocha
(9º semestre - licenciatura em Artes Plásticas - UnB)

A oficina tem como objetivo iniciar os participantes à modelagem em argila através da técnica do Cordel, emenda com Barbotina e acabamento das peças, além da confecção de ferramentas próprias de trabalho. O projeto vem atender aos pré-requisitos avaliativos da disciplina Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 3 da UnB, com supervisão da Profa. MSc. Rosana de Castro.

Período de aulas:
28 de Janeiro a **1º** de fevereiro de 2013

15 vagas (Maiores de 16 anos)
Horário: 14h às 16h
Local: CEAN - Centro Educacional
Asa Norte - SGAN 606
Inscrições: octic@unb.br
(Assunto: *Oficinas de Artes Visuais - Modelagem*)
Período de inscrição: 7 a 25 de janeiro de 2013
Informações: gabrielanaunb@hotmail.com

Arte e Diagramação: Gabriela Sales da Rocha

Figura 8 - Arte e diagramação: Gabriela Sales da Rocha